

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Óculos de cor: ver e não enxergar*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022. v. 1. 144p.

Marilya Mariany Carnaval¹

O livro de literatura juvenil *Óculos de cor: ver e não enxergar*, escrito pela historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz e ilustrado por Suzane Lopes, foi publicado no Brasil em 2022 pela Editora Companhia das Letrinhas. O livro foi vencedor do Prêmio Jabuti em 2023 na categoria juvenil.

Lilia Moritz Schwarcz é professora titular no Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP) e professora visitante da Universidade de Princeton. Schwarcz já escreveu outros livros para crianças e jovens, como *As barbas do Imperador* (1998), também ganhador do prêmio jabuti, *D. João Carioca* (2007), ilustrado por Spacca, e uma *Amizade (Im)possível* (2014), também ilustrado por Spacca. A autora também escreve para jornais e revistas e tem vários livros escritos para adultos, tais como: *Retrato em Branco e Negro: Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no Fim do Século XIX* (1987), *O Espetáculo das Raças* (1993), *Racismo no Brasil* (2012), *Sobre o Autoritarismo Brasileiro* (2019), entre outros.

A autora vem dedicando boa parte de sua produção ao tema do pensamento e das relações raciais no Brasil desde sua graduação em História pela Universidade de São Paulo, em 1976, tendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Escravidão em Vila Bela*. No mestrado em Antropologia Social, realizado na Universidade de Campinas (Unicamp), defendeu a dissertação intitulada *Imagens de negros. A imprensa paulistana em finais do século XIX*. Já no doutorado, defendeu a tese *Homens de consciência e a raça dos homens: cientistas, instituições e teorias raciais no Brasil de finais do século XIX*, em 1993.

No prefácio do livro *Óculos de Cor*, a autora cita a frase “não se estuda o escravismo sem emoção e sem um sentimento de vergonha e remorso”² e afirma que a escravidão — um

¹ Professora na Prefeitura Municipal de São Paulo. Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São Paulo. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9052-6118>. E-mail: marilyacarnaval@gmail.com.

² A frase citada por Lilia Schwarcz é do autor Alberto Costa e Silva, grande estudioso da cultura africana

sistema que criou formas de violência e crueldade desenvolvidas coletivamente por vários povos europeus — é um trauma histórico que ainda não foi elaborado o suficiente e muito menos superado no Brasil, destacando sua posição como uma pessoa/escritora branca. Ao trazer a reflexão do racismo contemporâneo em seu livro, a autora coloca que não há como não sentir **vergonha e remorso**, mesmo que a história do livro, criada por ela, seja de uma aventura com personagens que apontam para “janelas de esperanças” (Schwarcz, 2022, p. 9).

O racismo como uma invenção dos descendentes de europeus foi elaborado com um conjunto de mecanismos e instrumentos teóricos, ideológicos e práticos para justificar, de forma biológica, desigualdades que, na verdade, são sociais e históricas. A ideia de raça classifica o outro como biologicamente superior e ajuda a configurar a nossa identidade, constituindo um poderoso instrumento de dominação social que condiciona dominações naturalizadas.

Nessa direção, a história do livro abarca o racismo e, principalmente, a branquitude, que pode ser compreendida, em linhas gerais, como um “sistema de privilégio dos brancos, construído nos tempos do sistema escravocrata, mas ainda vigente, que faz com que tornemos ‘naturais’ uma série de diferenças na vida, no emprego, na saúde e na educação dos brasileiros” (Schwarcz, 2022, p. 10). Schwarcz explica que as relações raciais no Brasil foram tratadas de maneira errada, sendo vistas — e não enxergadas — como um problema exclusivamente negro. Durante muito tempo, os brancos não eram visíveis nas questões vivenciadas pelos negros e nos processos de discriminação.

A escravidão como um sistema de trabalho forçado, que impediu que o negro se tornasse um cidadão pleno e trabalhador livre, **deformou** o próprio branco ao pressupor a posse de uma pessoa por outra e a sua suposta superioridade. Com isso, acabou autorizando um regime que pauta poderes e direitos na desigualdade de posições. Isso traz a necessidade de reavaliarmos o passado para podermos compreender quais alterações recaem sobre nós no presente e como podemos construir um futuro que realmente expresse nossa capacidade de evoluir como seres humanos.

Durante a infância e juventude, é possível apresentar possibilidades e alternativas aos modelos hegemônicos da sociedade. Este gesto pode contribuir para a compreensão da sociedade em outra perspectiva, com o objetivo de questionar, refletir e sensibilizar em relação às configurações históricas, atentando para como elas foram articuladas e estruturadas. O caminho para a transformação da realidade passa também pela indignação com o estado das coisas, de tal forma que “as contradições conscientizadas não lhe dão mais descanso, tornam

insuportável sua acomodação” (Freire, 1983, p. 15). Para isso, é preciso conhecimento, orientação e estímulo à reflexão.

Vale destacar que a importância da obra *Óculos de Cor* está na necessidade de problematizar, dentro da instituição escolar, questões de relações étnico-raciais, tendo como referência também a Lei nº 10.639/03, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira em escolas públicas e particulares da educação básica. Ademais, inclui, no estudo da história do Brasil, as trajetórias e as experiências dos povos africanos, dos indígenas, das mulheres, de outras identidades de gênero e de pessoas com deficiência.

A educação com a finalidade da emancipação humana não é possível com a “superposição dos homens aos homens” (Freire, 1983), uma vez que se situa como prática de dominação, reduzindo a compreensão dos homens a meras coisas (relação entre sujeito e objeto, entre possuidor e objeto possuído). Isso provoca uma visão de mundo necrófila, ou seja, nutrindo-se do amor à morte, e não do amor à vida.

Nesse sentido, a educação como instrumento de emancipação humana acontece na relação entre os homens e com o mundo. Como afirmou Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, ninguém tampouco se educa sozinho. Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (Freire, 1983, p. 79). E a literatura como um caminho pode abrir o nosso olhar para o horizonte, vislumbrando outra relação com o mundo. Uma relação que contribua para o processo de mudança da percepção coletiva em relação à cegueira social de nosso país, desvelando, por exemplo, o que foi escondido, silenciado e tratado de forma estereotipada ao longo da história do Brasil.

Em uma participação no programa *Roda Viva*³, Schwarcz diz que, no Brasil, sofremos de uma **miopia cultural** — a miopia pode ser compreendida como a dificuldade de enxergar algo. Nesse sentido, só enxergamos o que nossa miopia cultural e social permite observar como padrão arraigados entre nós. Nesse sentido, enxergar, mais do que ver, é uma opção pessoal, mas que não é tão simples de conseguir.

³ Participação de Lilia Schwarcz no programa Roda Viva disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro. Acesso em: 22 ago. 2024.

Como é possível observar em um estudo realizado por pesquisadores do instituto Ipec⁴ no ano de 2023, junto a brasileiros com mais de 16 anos em 127 municípios ao longo do mês de abril, poucas pessoas, ao se olharem no espelho, conseguem se enxergar como alguém capaz de cometer atitudes racistas: apenas 11% admitem o preconceito. A história do livro *Óculos de cor* tem como objetivo tratar dessa falta de compreensão do racismo pelas pessoas brancas (que transformam sua cor em neutra) e de seus efeitos nefastos para a sociedade.

A história tem um narrador onisciente, orientado pelas reflexões de dois personagens principais, Alvo e Ebony. Destacam-se também personagens secundários, como a professora Dona Rúbia, que, na narrativa, tem um importante papel pedagógico, e as famílias de Alvo e Ebony, que nos auxiliam a compreender as distintas vidas e as realidades das crianças.

A história gira em torno da jornada de Alvo como um processo de autoconhecimento e alteridade que o tira da miopia social, descobrindo que o mundo é muito maior do que ele enxerga. Este processo o humaniza para conseguir mais do que ver (como um sentido biológico), para que possa enxergar cultamente e socialmente o que para ele era considerado “menos importante”, ou o que não queria prestar a atenção.

Não é possível falar sobre o racismo só pela perspectiva do branco. Sendo assim, a personagem de Ebony, como aponta Schwarcz, é central e fundamental. Ele conta sua história e tem muito orgulho da sua origem e de onde veio. No entanto, nem por isso não demonstra, em sua trajetória durante a narrativa do livro, dúvidas e sofrimento em relação ao racismo cotidiano que sofre.

O livro começa contando a rotina de Alvo em sua casa e sua escola, enfatizando o quanto ele é metódico. Ele gostava muito da rotina e das coisas acontecerem sempre na mesma ordem e com os mesmos hábitos, controlando tudo para se sentir seguro em sua vida, já que não gostava de novidade. O menino não conseguia ver **em cores**, só em uma cor: a branca. Ele via o mundo na forma padrão do universo branco, que defende os privilégios da branquitude.

Depois do retorno das férias, a professora de Alvo, Dona Rúbia, contou uma novidade que aconteceria na escola, considerada uma escola particular de elite. Primeiro, começou explicando o quanto o Brasil é um país desigual e como algumas crianças tinham mais oportunidades do que outras. Além disso, algumas frequentavam escolas menos equipadas e

⁴ Estudo realizado pelo Instituto Ipec, no ano de 2023, disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/27/ipcc-oito-em-cada-dez-brasileiros-acreditam-que-o-brasil-e-um-pais-racista>. Acesso em: 22 ago. 2024.

com menos recursos, pois contavam com menos dinheiro. Para elucidar a situação, a professora começou a apresentar vários exemplos de “desigualdade social” para os alunos, mas enfatizou que “de jeito nenhum [são] crianças menos inteligentes, espertas ou preparadas. Elas só têm uma vida sem tantas facilidades como essas que nós estamos acostumados a ter e até achamos normal” (Schwarcz, 2022, p. 25).

Nesse momento, o menino começou a refletir sobre algo que não tinha notado por conta de seus hábitos e da sua própria vida, o mesmo estilo de vida parecido em sua escola: carros modernos, casas ou apartamentos espaçosos e casas no campo ou na praia. O menino pensou: “enquanto eu e meus amigos temos duas casas, tem pessoas que não possuem nenhuma. É isso mesmo?” (Schwarcz, 2022, p. 26). Apesar dessa reflexão, logo esqueceu, como sempre fazia quando ficava incomodado com uma situação diferente da sua realidade.

A professora disse que a direção da escola decidiu, junto dos pais e professores, que existiriam bolsistas na instituição e que algumas crianças entrariam por uma **política de cotas** e seriam alunos e alunas regulares. A direção, os pais e os professores estavam empenhados em mudar o perfil da instituição e, por mais que a escola fosse particular, ela tinha que começar a se engajar numa proposta mais inclusiva e cidadã — antirracista. O projeto foi intitulado de **somos todos diferentes**.

O projeto da escola, segundo a professora, estava inserido numa política mais ampla denominada **reparação**: “era preciso reparar no sentido de consertar mesmo, as injustiças do passado e do presente” (Schwarcz, 2022, p. 29). Ela destacou o papel da escola para ajudar a mudar o país em direção a uma sociedade mais justa e igualitária, enfatizando que, sozinha, a escola não muda a realidade social, mas, se ela fizer a sua parte, tudo seria melhor.

Aqui, é importante destacar que Schwarcz traz no livro a ideia de um sentido de coletividade para um projeto dentro da escola. As reflexões proporcionadas na escola trazem ensinamentos aos alunos ao suscitar que, por mais que existam forças econômicas e políticas presentes no nosso comportamento individual e social, não podemos aceitar com passividade perante o que acontece na sociedade. Sabemos o quanto é difícil mudar a sociedade, mas, a partir da realidade concreta, é possível pensar em possibilidades históricas de outra forma de vida. Nesse sentido, é importante mostrar para as crianças e jovens que há alternativas e possibilidades políticas e sociais, para isso, é necessário ter sonho, utopia e projeto de sociedade. Esta era a ideia proposta na história: um projeto de bolsas por meio de cotas para a construção de uma escola particular inclusiva e que abarque a diversidade. Consequentemente,

promovendo a convivência com os diferentes, de modo que todos aprendam e se transformem por dentro e por fora.

Com a chegada de sete novos alunos (Inaiê, Ebony, Bomani, Pedro, Maria, José e Ashanti), houve uma mudança no clima da escola. Alvo logo percebeu as cores de pele de seus colegas novos, “como também seus cabelos encaracolados, presos em tranças, armados, com cortes e penteados como ele nunca tinha visto até então” (Schwarcz, 2022, p. 53). O narrador onisciente destaca, em algumas passagens, o papel de a professora intervir em diversos momentos para “dar bronca nos alunos que ficavam dando risadinhas e apontando para os colegas novos com jeito de piada. Não era nada engraçado deixar os outros sem jeito, e o clima da escola não estava exatamente tranquilo” (Schwarcz, 2022, p. 56). Dona Rúbia tinha que enfrentar uma situação nova a partir de então.

Dentro do novo projeto da escola, aconteceu uma reestruturação do currículo e diferentes disciplinas e atividades foram incluídas com a finalidade de uma maior integração dos alunos entre si. Para isso, foi sugerido um trabalho interdisciplinar entre as matérias de história e geografia, que teria como foco o estudo da ancestralidade. Ademais, seria feito um trabalho de campo em duplas, para os alunos conhecerem as famílias, as histórias e os bairros de seus respectivos colegas. Alvo e Ebony formaram uma das duplas escolhidas para o projeto.

Ao conhecer o bairro e a casa de Ebony, junto de sua família, o garoto logo percebeu que, apesar de se tratar da mesma cidade, tudo era muito diferente: “outra cidade se abria aos olhos dele” (Schwarcz, 2022, p. 65). Enquanto o prédio em que ele morava era guardado por dois portões, vários guardas e um muro alto (além de não ter permissão para sair sozinho de lá), o bairro em que Ebony morava era muito diferente e com outro tipo de vizinhança: tinha mais diversidade cultural e social, não tinha tantos prédios altos e tinha mais casas térreas e sobrados. Além disso, tinha feiras ao ar livre, pessoas caminhando em várias direções, reuniões em bares, lojas e mercadinhos espelhados pelas ruas.

Para Alvo, era um mundo novo e, nesse momento, começou a se sentir um estrangeiro em seu próprio país. É interessante notar que o personagem de Alvo começa a enxergar as diferenças territoriais ao vivenciar (andar, sentir e refletir) a cidade. Ebony também notou, quando foi até o prédio de Alvo, a diferença entre as suas realidades: ele refletiu que as pessoas que passeavam pela rua de Alvo eram brancas, já as que estavam trabalhando (cuidando de crianças, guardando carros, limpando as ruas) eram, na maioria das vezes, negras.

Durante o trabalho de campo, os avós de Ebony comentam sobre o período de escravidão, contando que a população negra foi forçada a deixar o seu país de origem e vieram arrastados e à força de chicotes e correntes e outros instrumentos de tortura, arrancados da sua própria terra, da sua família e da sua cultura para serem tratados como objetos para o trabalho de mão de obra escrava.

Alvo começa a questionar o seu mundo — que era tão organizado e previsível — e a perder as certezas preestabelecidas que tinha em relação à organização da sua vida. Começou a ter **sensações** diferentes, sentindo-se incomodado ou envergonhado diante de algumas situações, compreendendo que enxergar não é simples e que reconhecer o significado do seu lugar no mundo em meio a tantos outros é muito difícil e doloroso.

Ebony significa ébano em português, que se refere a uma árvore escura e resistente da floresta tropical. Ao dar esse nome, os pais de Ebony queriam que ela fosse “forte diante de um mundo injusto, mas generosa como uma árvore que produzia sombra e refúgio” (Schwarcz, 2022, p. 65). Mas ninguém é sempre forte, nem deve ser. A personagem de Ebony sentiu raiva, tristeza e alegria, tendo a liberdade de sentir e existir em toda a sua completude e complexidade.

Durante a narrativa, é possível observar vários exemplos do racismo cotidiano. O termo “cotidiano” indica experiências que se repetem sucessivamente na vida de uma pessoa, como uma “exposição constante ao perigo” (Kilomba, 2019, p. 80), na escola, na rua, no transporte, no mercado, em uma festa, um jantar, na família, entre outros.

Alguns exemplos do racismo cotidiano que Schwarcz traz em seu livro são: quando a personagem Ebony passeia pela escola e as pessoas se afastam; a rejeição das meninas da sala por não quererem inclui-la no jogo e nas brincadeiras da escola, e os olhares das pessoas na portaria do prédio de Alvo com a entrada de Ebony e de seus pais, considerados diferentes do ambiente branco etc. A autora Grada Kilomba (2019), ao definir o racismo, explica que uma característica presente no racismo é a construção da diferença, ou seja, quando uma pessoa é vista como “diferente” devido à sua origem racial e/ou religiosa. E uma pessoa só se torna diferente porque um grupo tem o poder de definir uma norma: “a norma branca”. Nesse sentido, “não se é diferente, torna-se diferente por meio de processo de discriminação” (Kilomba, 2019, p. 75).

É possível notar um processo de transformação em Alvo, não só de autodescoberta, mas também de alteridade e reconhecimento do “outro”. Na apresentação final em sala, tendo como apresentação as aulas sobre escravidão e as experiências com o trabalho de campo, ambos se

sentiram diferentes depois de tudo que viveram juntos e tiveram uma experiência de afeto para compreender a história de vida um do outro:

[...] cada ‘outro’ com o qual cruzamos nos oferece a oportunidade de iniciar uma nova viagem, que nos leva não apenas a conhecer um idioma, religião, uma culinária e uma cultura diferentes, mas também a entender mais sobre nós mesmos (Charleaux, 2022, p. 95).

Apostar em uma educação para todos, de qualidade e antirracista, promovendo atos que visem reparar a desigualdade, pensar e propiciar novas formas de ver o mundo e de organizar a sociedade em que vivemos é um compromisso moral e uma responsabilidade social de todos nós. O racismo é um problema de todos e, acredito que eu, como uma pessoa branca, assim como a autora do livro, tenho como compromisso reconhecer o lugar que o branco ocupa em nossa sociedade, reconhecer a diversidade social, oportunizar o protagonismo de pessoas negras e me aliar à luta antirracista.

Para isso, é preciso inventar, propor e criar projetos e oportunidades, como menciona Malaika, avó de Ebony:

Liberdade é das palavras mais importantes que conheço — disse Malaika —, e foram os pais dos meus pais que me ensinaram que ela funciona como o vento: corre de boca em boca e de sonho em sonho até que se torne realidade (Schwarcz, 2022, p. 71).

Referências

CARVALHO, I. Ipec: oito em cada dez brasileiros acreditam que o Brasil é um país racista. *Brasil de Fato*, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/07/27/ipeco-oito-em-cada-dez-brasileiros-acreditam-que-o-brasil-e-um-pais-racista>. Acesso em: 22 ago. 2024.

CHARLEAUX, J. P. *Ser estrangeiro: Migração, asilo e refúgio ao longo da história*. São Paulo: Claro Enigma, 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

RODA Viva | Lilia Schwarcz | 07/09/2020. São Paulo: [s. n.], 2020. 1 vídeo (84 min). Publicado pelo canal Roda Viva. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro. Acesso em: 22 ago. 2024.

SCHWARCZ, L. M. *Óculos de cor: ver e não enxergar*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2022. v. 1.

Recebido em: 15 de maio de 2024.

Aceito em: 10 de julho de 2024.